

137

Os primeiros anos da presença portuguesa em África distinguiram-se pela sua grande mobilidade comercial , mas sobretudo pela instalação de dois importantes e estratégicos entrepostos com objectivos económicos e militares :Arguim eMina .

Carácter esporádico do comércio praticado em entrepostos móveis , não favorecendo a penetração dos circuitos interiores nem a própria segurança das transacções ou a luta contra a concorrência das outras nações europeias, cada vez mais atraídas pelo comércio atlântico .

Necessidade de criar fortalezas permanentes , limitadas quase sempre por perímetros fortificados.

As duas primeiras construções deste género são Arguim (na costa sariana, em meados do século XV) e São Jorge da Mina (na Aldeia das Duas Partes - Elmina - na costa do actual Gana, em 1482).

A Feitoria de Arguim

O arquipélago de Arguim foi descoberto por Nuno Tristão , em 1443 , ao prosseguir as explorações em direcção ao Sul para além do Cabo Branco (ilhas Adegeth e Garças). Em 1444 Gonçalves de Silva travava conhecimento com a ilha de Arguim, enquanto Lançarote explorava as ilhas de Naar e de Tidar. Desde logo, as ilhas e o litoral do banco de Arguim, ha muito frequentadas pelas caravanas dos mercadores (sobretudo de sal), tornaram-se o ponto privilegiado e o teatro de numerosas expedições escravagistas portuguesas .

... Ir « fazer prisioneiros nas ilhas do golfo de Arguim » foi durante os anos que se seguiram prática corrente e frequente de numerosas viagens dos navios de Lagos e Lisboa. Formação de resistência das populações locais contra os Portugueses e tentativa destes de estabelecer contactos mais pacíficos (Esta mudança de estratégia registou-se progressivamente entre 1446 e 1460).

Entre 1446 e 1460, a actividade ultramarina portuguesa é bastante dominada pela preocupação de tirar proveito do espaço atlântico já explorado por expedições comerciais sistemáticas no sertão . É neste período que a feitoria de Arguim é fundada.

As ilhas de Arguim são ricas em água doce epeixe , o que favorece a construção de armazens e instalações comerciais.

Do ponto de vista comercial, Arguim revestiu-se de uma dupla importância para os Portugueses . Em primeiro lugar, foi o seu primeiro entreposto (/138) comercial permanente na costa africana , onde, regularmente e durante numerosos anos, obtiveram ouro eescravos , contra tecidos , cavalos e trigo «do qual as populações autóctones estavam sempre ávidas» (Cadamosto, cap. X); depois, Arguim tornou-se, como salienta J. Devisse , «o ponto mais forte das tentativas de penetração nos circuitos internos » e interessava «menos aos Portugueses do que Uadane, único ponto de passagem do tráfico sariano mencionado pelas fontes portuguesas antes do século XVI» (J. Devisse, [«Routes de commerce et échanges en Afrique occidentale en relation avec la Méditerranée: un essai sur le commerce médiéval du XI e au XVI e siècles» in Revue d'Histoire Économique et Sociale , L (1 e 2), 1972, pp. 42-73 e 357-397.] p. 364).

Não se conhece a data exacta da fundação da feitoria de Arguim, mas ela é necessariamente posterior a 1455, ano da fundação em Lagos de um entreposto de abastecimento e de um posto de controlo do comércio de Arguim .

... começada com condições modestas durante a vida do príncipe Henrique, só mais tarde veio a ser fortificada, por ordem do rei de Portugal, por Soeiro Mendes de Évora ... O estatuto do comércio de Arguim conheceu variações ao longo da sua história, entre a gestão directa de Henrique ... ou da coroa , e os arrendatários .

Em 1455 ... a feitoria era administrada por uma sociedade privada que tinha obtido do infante o usufruto desse monopólio por um período de dez anos, provavelmente entre 1450 e 1460. Era, pois, esta sociedade contratante que se ocupava de todas as operações de abastecimento e de trocas mediante uma renda anual entregue ao infante ou ao rei de Portugal.

... Primeira e modelo de todas as outras fortalezas construídas na costa africana e na Ásia, como Goa e Macau , a feitoria de Arguim permaneceu propriedade do reino de Portugal até 1638 , ano em que foi tomada pelos Holandeses .

Construída ... após a exploração, durante mais de seis meses, do interior do país por um dos seus fundadores, João Fernandes, agente e colaborador do infante, que aprendeu a língua local e os segredos do comércio da região, a feitoria foi estabelecida com o objectivo de desviar em direcção ao Atlântico as rotas caravaneiras de Tombuctu e de Uadane .

Esta estratégia teve importância decisiva na expansão comercial portuguesa em África. ... durante a segunda metade do século XV e princípios do século XVI, as actividades comerciais foram aí particularmente intensas; o ritmo anual das caravelas que ligavam Lagos ou Lisboa ao porto de Arguim estava assegurado.

Artigos levados pelos Portugueses como moeda de troca: toda a espécie de têxteis e artigos de vestuário, trigo, quinquilharias, objectos de adorno, como pérolas ou pedras de cornalina, especiarias, cavalos, selas e outros artigos simples .

Artigos entregues em troca aos Portugueses pelos comerciantes africanos, principalmente muçulmanos: escravos negros, ouro, peles de antilope, gatos-de-algália [?], ovos de avestruz, goma, etc.

Exemplos de mercadorias levadas pelos Portugueses: mantas do Alentejo, barretes, bacias de barbeiro, pano de Londres, espelhos, esporas.

140

...Os preços praticados pelos agentes eram fixados, por ordem do rei de Portugal, e o feitor, que possuía igualmente o título de capitão, primeiro responsável pelo estabelecimento e pelas operações, não os podia alterar.

Transformação de alguns dos produtos comprados aos africanos, que serviam depois para alimentar os circuitos comerciais internos da região (por ex^o as peles e couros, com que eram fabricados escudos.)

Para além das mantas do Alentejo, a maior parte dos produtos existentes na feitoria de Arguim e, mais tarde, de São Jorge da Mina eram provenientes do exterior de Portugal ... dupla origem europeia e magrebiana.

As mercadorias de origem europeia eram importadas para Portugal através de Antuérpia , onde, a partir de 1499 , o rei de Portugal estabeleceu uma feitoria permanente encarregada do abastecimento e da reexportação para o reino ibérico dos artigos negociados aos fornecedores de outras colónias mercantis instaladas na cidade.

... Muitas peças de vestuário trocadas em Arguim pelo metal precioso ou por escravos eram originárias das redes comerciais do Magrebe e onde Portugal (/141) tinha instalado nalgumas cidades marroquinas ..., circuitos de abastecimento e mesmo de produção.

... Instituída desta forma para animar e organizar o comércio da região atraindo para si o tráfico transariano da importante escala de Uadane, a feitoria conheceu apenas um sucesso parcial e efémero; a sua época de glória não ultrapassou as primeiras décadas do século XVI .Este sucesso mitigado leva D. João II a tentar uma penetração mais profunda nos circuitos internos, com a criação de uma feitoria em Uadana , destinada a atrair os mercadores de Tombuctu e outros, sudaneses, fornecedores de ouro eescravos .

As difíceis condições do deserto não permitem a fortuna deste entreposto, tornando-se então necessário regressar a Arguim. Paralelamente, desenvolve-se o comércio para sul, nomeadamente para S. Jorge da Mina e ainda para a Ásia.

Segundo V. de Magalhães Godinho, durante o último quartel do século XV e o primeiro quartel do séc. XVI, o rendimento anual de Arguim pode ser calculado no máximo em 20 kg ou 25 kg de ouro, ou seja, entre 5500 e 7000 cruzados, aos quais era necessário acrescentar a quantia desconhecida do contrabando francês, castelhano e português, cada vez mais frequente no litoral, sobretudo a partir das duas primeiras décadas do século XVI (V. de Magalhães Godinho, L'économie de l'Empire portugais aux XV e-XVI e siècles , 1969, p. 188)

A Feitoria de São Jorge da Mina

A maior parte dos conselheiros de D. João II pronuncia-se desfavoravelmente a respeito da construção de uma fortaleza comercial na costa da Mina. No entanto, D. João II obedecia a imperativos muito precisos, entre os quais dois essenciais: acabar com a concorrência , por um lado, organizar e desenvolver a rota atlântica de ouro e doutros produtos africanos com mais segurança , por outro.

A consciência dos enormes lucros obtidos pelos Portugueses na Terra dos Negros (nomeadamente na costa da Mina) começa a atrair navios de outros estados europeus.

... Sobretudo entre 1475 e 1480, várias frotas castelhanas organizadas pela própria corte de Castela, ou mediante o seu apoio, bem como navios flamengos, realizaram numerosas viagens à Guiné, principalmente no litoral da Malagueta e da Mina.

D. João II apercebe-se que as bulas não são suficientes para assegurar o domínio português sobre África, sendo também necessário empreender uma política mais enérgica e uma acção dissuasiva mais vigorosa . Daí a decisão, nesse mesmo ano [1481] , de ampliar os meios de defesa do seu monopólio através da edificação de uma feitoria-fortaleza na costa da Mina .

Esta segunda presença permanente em África simboliza, como a primeira, a tomada de posse do espaço cuja soberania lhe foi «internacionalmente» reconhecida ... estava decidido a tentar uma penetração dos circuitos internos de trocas e levar a cabo o desvio em direcção ao Atlântico duma das principais rotas de ouro sudanês, até então controladas pelos mercadores caravaneiros . Por outras palavras, tivera início a « batalha das caravelas contra as caravanas » (a expressão é de V. de Magalhães Godinho).

D. João II pretende também transformar S. Jorge da Mina num refúgio seguro e de descanso para as navegações.

Diogo de Azambuja é o escolhido para empreender a construção da feitoria .

... Após vencer as reticências e resistências do rei Kwamenah Anshah e das populações locais, os Portugueses edificaram em tempo recorde a fortaleza na margem direita do Benya Os Portugueses tiraram proveito das vantagens tácticas oferecidas pelo local para construir um porto de embocadura do rio e assegurar desta forma uma melhor protecção à fortaleza.

A feitoria da Mina não é fortificada durante o período da ocupação portuguesa. Em 1637 , os Holandeses tomam o Castelo da Mina.

O acesso de comerciantes à feitoria por via terrestre implicava a autorização dos reis dos territórios em que esta se encontrava (Eguafu e Fetu), o que naturalmente levou os seus agentes a manter uma política de boa vizinhança.

142

Diogo de Azambuja dirige a feitoria durante dois anos e sete meses, durante os quais desenvolve uma intensa actividade diplomática para ganhar a amizade dos chefes locais e

persuadi-los a fazer negócios com o rei de Portugal .

A 15 de Março de 1486 , D. João II concede ao castelo e à população africana que vive em redor o estatuto de cidadela.

... São Jorge da Mina encontrava-se numa região demograficamente densa que explicava a fragmentação política desta região em múltiplas entidades estatais e economicamente próspera . O litoral da Mina e o interior possuíam, com efeito, sectores económicos complementares , interdependentes e interligados por circuitos de troca locais e inter-regionais.

Para além disso, a riqueza aurífera do seu solo tornava-a um ... local privilegiado do comércio subsariano e transariano

... Era por intermédio da administração real da Casa da Mina que o comércio de São Jorge da Mina, monopólio do Estado , era organizado até aos mais pequenos pormenores: desde os preparativos em Lisboa da partida dos navios para Elmina até à entrega do ouro à tesouraria real, aquando do seu regresso, passando pelos presentes e costumes entregues aos dignitários africanos, Em resumo, todo e qualquer acto, ainda que quotidiano, que dissesse respeito ao negócio era objecto de controlo e de um processo verbal. Para tomar parte no comércio africano do ouro , monopólio até então dos intermediários muçulmanos, a feitoria propunha aos produtores do metal precioso, com inovações e adaptações, mercadorias por vezes similares àquelas a que o comércio transariano tinha habituado a população africana.

Esmeraldo: « ... tecidos vermelhos e azuis, pulseiras de latão, tela, corais e algumas conchas vermelhas que, entre eles são tão apreciadas como as pedras preciosas entre nós; o vinho branco tem aqui muito valor, bem como as pérolas azuis ... »

143

... Entre os artigos de quinquilharia, as bacias, manilhas e outros utensílios de couro e latão ocupavam lugar preponderante. ... A esta lista é necessário acrescentar os cascavéis , as campainhas de latão , as arquinhas de pão e as baynhas de facas .

Os artigos de adorno, como as pérolas de vidrilhos, as contas matamungo , as alaquecas , o coral e o âmbar eram vendidos aos Africanos por centenas e milhares.

No campo do vestuário os lambés e as aljaravias constituíam os principais artigos de troca contra o ouro.

... Entre os artigos de origem europeia negociados na feitoria, é de salientar o tráfico de vinhos, alguns dos quais oriundos da caparica

Porque o comércio assim o exigia, os Portugueses importavam também da costa da Guiné conchas-moedas ou buzeos da Índia ... , oriundas do oceano Índico ...

144

... O buzeo tornou-se a moeda que lhes permitia comprar directamente ouro, marfim e escravos, por parte dos quais eram revendidos contra o metal amarelo;

O comércio com os Portugueses não desvia o ouro, ao contrário do pretendido, das rotas do Norte de África. Assim, os Portugueses inserem-se desde logo no circuito comercial dos produtos locais, que eram alvo de um comércio inter-regional entre Africanos. Assim, principalmente por intermédio da colónia portuguesa da (/145) Ilha de São tomé, que assegurava a cobrança e o transporte , a feitoria de São Jorge da Mina trocava produtos africanos por ouro , nomeadamente conchas, pérolas, tecidos e escravos, comprados na sua maior parte, na costa da actual Nigéria.

Os escravos representavam 20.5% das receitas em ouro da feitoria, ocupando o terceiro lugar, a seguir às manilhas (35.44%) e aos lambés (25.14%).

O número de escravos importados pelos Portugueses para a Feitoria, destinados à troca por ouro, entre 1432 e cerca de meados do século XVI, pode ser calculado em cerca de 30 mil.

146

Em 1529 transaccionam-se 500 escravos.

O ritmo do comércio e a afluência de mercadores depende largamente dos acontecimentos políticos locais.

Os preços pelos quais as mercadorias eram trocadas por ouro eram, como na feitoria de Arguim, fixados pelos administradores reais da Casa da Mina. As margens de manobra das suas alterações relativamente a determinadas mercadorias eram bastante reduzidas e muito controladas.

... O rendimento anual de São Jorge da Mina raramente terá ultrapassado os 500Kg de (/147) ouro.

... O fracassar do objectivo dos Portugueses na costa do actual Gana explica-se pelo conjunto da política de monopólio e de controlo, rigoroso mas ineficaz, que aí puseram em prática para a concretização deste objectivo e pelas respostas, por vezes inesperadas, que tal política suscitou principalmente junto dos parceiros africanos e secundariamente junto dos restantes europeus, que procuravam sempre violar o monopólio do rei de Portugal.

148

... Provavelmente suscitadas pelas autoridades da feitoria no quadro da mesma política de coexistência pacífica, de conservação e intensificação das redes comerciais, as visitas dos chefes, príncipes e dignitários africanos ao castelo sucediam-se igualmente com bastante regularidade.

Paralelamente à acção política desenvolvida junto dos chefes africanos, os Portugueses tentaram uma tímida política de aculturação através da evangelização e da escolarização.

... «em relação aos negros que habitam a Aldeia, ele [o capitão] terá o especial cuidado de enviar os seus filhos aprender a ler e a escrever, a rezar, a cantar, e a conhecer todos os outros ofícios do culto divino»

149

A necessidade de convivência com os indígenas para levar a cabo o processo de evangelização entra naturalmente em confronto com o desejo de restringir os contactos ao aspecto comercial, única forma de combater as fugas ao monopólio.

... São Jorge da Mina deveu assim o seu prestígio e fama muito mais à sua função comercial e política. Foi a presença do ouro e depois dos produtos provenientes dos circuitos europeus e das restantes regiões africanas que deu origem à primeira cidade portuguesa na Guiné e principal centro de trocas da África Ocidental e, a partir do século XVI, local sonhado e muitas vezes destino do comércio contrabandista de Franceses, Ingleses, Holandeses e outros.

... São Jorge da Mina foi também um importante centro político e ponto de encontro de todos os chefes ou dignitários dos Estados africanos interessados no comércio português.

... O impacto do comércio português foi determinante na evolução das sociedades e dos Estados da região também por causa da estratégia portuguesa em cativar o interesse do maior número possível de Estados para o seu comércio, intervindo por vezes nos negócios dos Estados africanos.